

Memórias

de um jornalista (4)



Por

**DOMINGOS
SILVA ARAÚJO**

ANTIGO DIRETOR
DO "DIÁRIO DO MINHO"

Proseguimos com a publicação das "Memórias de um jornalista", da autoria de Monsenhor Silva Araújo, que foi diretor do "Diário do Minho" durante 28 anos consecutivos. As 1.ª, 2.ª e 3.ª partes destas "memórias" foram publicadas nos três últimos números deste caderno cultural (cf. dias 4, 11 e 18 do corrente mês).

7. Livros destruídos

Além das pessoas, foram também saneados livros.

Um despacho do Secretário de Estado da Orientação Pedagógica, Rui Grácio, datado de 17 de outubro de 1974, dirigido às Direções-Gerais dos Ensinos Secundário e Básico, dizia: «Tendo sido informado de que nas Bibliotecas dos estabelecimentos de ensino existe quantidade apreciável de livros e revistas de índole fascista, determino que seja elaborada uma circular

ordenando a destruição das publicações com esse caráter, depois de arquivado um exemplar, pelo menos, de cada revista e alguns livros a selecionar, que fiquem como documento ou testemunho de um regime».

Na sequência deste despacho, a diretora-geral da Educação Permanente, Maria Justina Sepúlveda da Fonseca, apresentou em 30 de dezembro de 1974 propostas ao secretário de Estado Freitas Branco, no sentido de serem «vendidos a peso, depois de

inutilizados», livros em número de várias dezenas da «Coleção Educativa». Nestas propostas Freitas Branco exarou logo no dia seguinte à sua apresentação o despacho: «Concordo». Foram vendidas, a peso, cerca de 40 toneladas de livros.

Mais tarde, em 26 de março de 1975, a mesma Maria Justina Sepúlveda da Fonseca assinou a circular n.º 1/75, do seguinte teor: «Ex.m.º sr. Encarregado da Biblioteca: É chegada a oportunidade de,

numa primeira fase, proceder nessa biblioteca ao saneamento dos livros que não reúnem condições ideológicas, literárias ou técnicas para continuarem a ser dados à leitura.

Nesta conformidade deve V. Ex.ª seguir, com toda a urgência, as instruções seguintes:

a) retirar da biblioteca e inutilizar pela forma que achar mais conveniente e perante duas testemunhas, todas as obras que constam da lista «A» anexa a esta circular;
b) lavar auto dessa destruição, em duplicado, onde conste o nome de todas as obras inutilizadas e o modo como foram, arquivando um exemplar no processo da biblioteca e enviando o outro a esta Direção-Geral;
c) cortar a página que contém uma frase dos ex-Presidentes do Conselho em todos os livros constantes da lista «B», anexa a esta circular, livros estes que continuam, depois disso, a figurar na biblioteca.
Deve ainda V. Ex.ª aguardar que oportunamente se lhe envie segunda lista de mais obras a destruir numa segunda fase».

Na execução destas orientações livros houve que foram destruídos pelo fogo.

Vítimas de destruição ou do arranque de uma folha que continha um pensamento dos ex-Presidentes do Conselho, Salazar e Marcelo Caetano, foram livros da «Coleção Educativa», alguns dos quais ainda hoje considero de muito interesse. Um dos que foram à fogueira, segundo li al-

gures, foi uma biografia de Santo António de Lisboa.

8. O caso da Rádio Renascença

A Rádio Renascença (RR), que foi utilizada para passar uma das senhas do 25 de abril, viveu momentos particularmente difíceis, que levaram os seus responsáveis a viverem um verdadeiro calvário.

Aquela estação emissora tinha sido fundada pelo P. Manuel Lopes da Cruz, do presbitério bracarense, e iniciado as emissões diárias, em ondas médias e curtas, em 01 de janeiro de 1937.

A luta contra a RR começou em 30 de abril de 1974. Um grupo criou uma comissão de trabalhadores, marginalizando os que não concordavam com os seus métodos de ação. Esta Comissão não tinha representatividade. Pretendia o controlo e domínio efetivo da RR, a fim de a colocar ao serviço de determinadas opções políticas.

Os trabalhadores do Porto e do Centro Emissor de Benfca afastaram-se, ficando o grupo reduzido a 19 elementos. O grupo expulsou cinco trabalhadores dos Estúdios de Lisboa por não pactuarem com os seus intentos; ocupou os estúdios de Lisboa; quatro deles, apoiados por estranhos, assaltaram o Centro Emissor de Benfca, expulsando seis trabalhadores deste Centro que se opuseram ao assalto; assaltaram



“Livros houve que foram destruídos pelo fogo. Vítimas de destruição ou do arranque de uma folha que continha um pensamento dos ex-Presidentes do Conselho, Salazar e Marcelo Caetano, foram livros da «Coleção Educativa»”



Silva Araújo consultando os jornais publicados no período do PREC

o emissor da Lousã.
(Comissão «Ad Hoc» de Trabalhadores da Rádio Renascença. Comunicado de 09 de junho de 1975).

Em 31 de maio de 1975 foram presos pelo COPCON três funcionários fiéis à posição da Igreja, o que levou a uma tomada de posição muito firme por parte do Cardeal D. António Ribeiro, como narra Manuel de Almeida Trindade em «Memórias de um Bispo». Ou os soltam ou me prendem a mim, afirmou o Patriarca no COPCON – Comando Operacional do Continente, liderado por Otelo Saraiva de Carvalho.

Em 27 de junho de 1975 foi prometida a restituição daquela estação emissora à Igreja. A promessa não foi cumprida e em vez disso decidiu-se criar uma Comissão Administrativa (do Estado) para gerir a Emissora Católica.
(Comunicado do Conselho Permanente da Conferência Episcopal de 03 de julho de 1975).

A Comissão Administrativa que o Conselho da Revolução criou demitiu-se das suas funções. Nunca tinha chegado a atuar. Limitou-se a estabelecer um contacto com o Conselho de Gerência da Rádio e outro com os ocupantes do estúdio de Lisboa. Foi o suficiente para entender que se devia demitir.
(«Tempo», de 14 de setembro de 1975).

Em 18 de agosto de 1975, Vasco Gonçalves afirmou em Almada: «Reconhecemos que temos cometido alguns erros em certas campanhas de dinamização, e a decisão de não entregar a Rádio Renascença ao Patriarcado foi,

quanto a mim, um erro grave». («O Primeiro de Janeiro», de 19 de agosto de 1975).

Em 29 de setembro de 1975 as instalações (estúdio e emissor) foram ocupadas por forças militares.

Na madrugada de 29 para 30 foi silenciada, por ordem do Governo.

Em 15 de outubro de 1975 o emissor da Buraca foi selado. Soldados mantiveram-se nos estúdios, defendendo as instalações. Queriam formar uma Cooperativa Popular de Informação.
(«República», de 20 de outubro de 1975).

Em 07 de novembro de 1975 O Centro Emissor da Buraca foi destruído à bomba por ordem do Conselho da Revolução.

Em 10 de novembro de 1975 o Conselho de Gerência da Rádio, em comunicado, manifestou-se surpreendido com o facto, contra o qual protestou.

Finalmente a Rádio Renascença foi restituída ao Patriarcado em 28 de dezembro de 1975 e começou as emissões a partir de Lisboa em 01 de janeiro de 1976.

Sobre este tema pode ver-se:

- Coronel Sousa e Castro, «Capitão de Abril, Capitão de Novembro»;
- Manuel de Almeida Trindade, «Memórias de um Bispo», pag. 317 e sgs.;
- Moreira das Neves, «Para a História da Rádio Renascença»;
- Conferência Episcopal Portuguesa, «Documentos Pastorais 1967-1977», pag. 158, 299, 335, 344.■

**Continua
no próximo número
do caderno "Cultura"**